



DIVERSIDADE DE ARANHAS EM GRADIENTES DE ESTRUTURA DO HABITAT NO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE

PEREIRA, Diego da Silva¹ (dsp.diego.s.pereira@gmail.com); **RAIZER, Josué²**
(josueraizer@ufgd.edu.br)

¹Discente do curso de Ciências Biológicas da UFGD – Dourados.

²Laboratório de Ecologia Teórica, Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais, UFGD – Dourados.

A estrutura do habitat afeta a distribuição e abundância das espécies por determinar, entre outras coisas, quais indivíduos conseguem ocupar o habitat em função de suas características morfológicas. Para avaliar se tal estrutura tem esse efeito sobre a diversidade de aranhas (tanto em espécies quanto em morfologia individual), amostramos um ambiente florestal no Pantanal em 16 parcelas de 300m². Nestas parcelas obtivemos dados de 10 variáveis ambientais relacionadas à estrutura do habitat e coletamos as aranhas encontradas em buscas ativas noturnas. A partir de fotos dessas aranhas sobre papel milimetrado, medimos inclinação e largura das quelíceras, largura da carapaça e primeira perna, e comprimento das primeira, segunda e terceira pernas. Com essas informações morfológicas, ordenamos as aranhas por análise de componentes principais de correlação. Adotamos o mesmo procedimento para ordenar as parcelas pelas variáveis do habitat e, assim, gerar um gradiente de sua heterogeneidade. Quanto a diversidade taxonômica, avaliamos a riqueza de espécies pela extrapolação Chao 1 (diversidade local) e ordenamos as amostras (16 parcelas) por análise não métrica de escalas multidimensionais a partir das distâncias Bray-Curtis pelas abundâncias relativas (diversidade beta). Registramos 632 aranhas de 72 morfoespécies e 19 famílias, sendo Ctenidae (44,1%), Araneidae (18,2%) e Lycosidae (14,7%) as mais abundantes, enquanto as mais diversas foram Araneidae (37,5%) e Theridiidae (12,5%). Cerca de 75% das aranhas tinham a segunda perna mais comprida que a primeira, entretanto essa razão mostrou-se mais variável entre as menores aranhas: aquelas com largura de carapaça abaixo da mediana (2,17mm). As maiores aranhas (largura da carapaça acima da mediana) geralmente tinham a perna 2 apenas um pouco mais comprida do que a 3 (IC 95% da razão: 1,12 – 1,16). Para estrutura do habitat, o primeiro eixo da PCA (45% da variância) recuperou um gradiente de transição entre quantidade de árvores com diâmetro à altura do peito (DAP) < 30cm ($r = -0,78$) e espessura da serrapilheira (0,84). O segundo eixo (22%) recuperou a transição de importância entre a quantidade de troncos caídos (-0,86) e a cobertura do dossel (0,75). A diversidade local de aranhas foi de cerca de 105 espécies (Chao 1: 105,46± erro padrão = 16,35). Quanto a diversidade beta, o primeiro eixo da PCA para estrutura do habitat recuperou a variação em composição de espécies de aranhas representada por NMDS (manova: Pillai_(2, 12) = 0,72; $p < 0,001$). Sendo assim, podemos concluir que a composição de espécies de aranhas varia de acordo com a estrutura do habitat, sendo que os principais fatores que contribuem com essa relação são a espessura da serrapilheira e a quantidade de árvores pequenas (DAP < 30cm). As variações individuais em morfologia parecem ter um papel relevante nesse padrão, entretanto nossas informações ainda são incipientes para qualquer conclusão acurada.

Palavras-chave: Araneae, heterogeneidade de habitat, diversidade biológica.

Agradecimentos: A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pela concessão de bolsa de iniciação científica ao primeiro autor.